

2.<sup>a</sup> SERIE

Assignaturas	
Trimestre.. 360—Com estampilha 400	
Semestre.. 720— » » 800	
Anno.... 1440— » » 1:600	
Avulso... 40— » » 42 1/2	

Publica-se ás quintas-feiras

Editor—Joaquim F. da Silva

ADMINISTRAÇÃO, RUA DA CAMARA—TYPOGRAPHIA MINERVA, FAMILIÇÃO

Publicações

Corpo do jornal.....	40 reis
Secção de annuncios...	30 »
Repetição .....	20 »
Communicados.....	40 »

N.º 14

Barcellos, 5 de outubro de 1899

## Os boers

A alma portugueza tem um fundo de generosidade inexgotavel. Mas, em politica internacional, generosidade é quasi sempre ingenuidade. E não são os ingenuos os que costumam ficar de melhor partido.

A uma parte da opinião publica inspiram os boers espontaneas sympathias, porque constituem uma nação pequena; porque vivem a vida independente dos sertões, porque se suppõe, bem contra a verdade dos factos, que são um povo de costumes patriarchaes. Ainda pondo de parte o que haja a emendar nas inexactas informações, que a respeito dos boers correm sem exame, ha a inquirir, para justificação d'aquellas sympathias, a correspondencia de affectos que o Transvaal nos tenha manifestado em horas de crise. Quando foi que o Transvaal se desentranhou n'essas manifestações em horas da nossa tristeza? Quando foi que nos deu conforto, consolação, auxilio moral, apoio de confraternidade e boa visinhança? Nunca. Nas nossas ultimas campanhas da Africa do Sul fez-nos sempre, subrepticamente, todo o mal, que pôde. O Gungunhana e o Maguiguana era do Transvaal que tiravam apoios. E comprehende-se: o interesse do Transvaal era e é enfraquecer-nos, porque lhe fechamos as portas do mar. Para a sua politica nacional, não somos, nem podemos ser, amigos e bons visinhos. E não tendo comnosco, como não teem, nenhuma affinity de raça, o maximo de benevolencia e affecto, que dos boers podemos receber é tratarem-nos ceremoniosamente como estranhos. Se esta é, realmente, a situação do Transvaal para com o nosso paiz, para que havemos de estar a gastar em favor d'elles os nossos enthusiasmos e as nossas sympathias, que da sua parte não encontram correspondencia?

Bem sabemos, que esses enthusiasmos e essas sympathias são demonstrações meramente platonicas, que a nada obrigam. Mas, em todo o caso, a politica d'um paiz deve fazer-se em harmonia com os sentimentos que n'elle predominam; e não ha vantagem alguma em pôr os impulsos irreflectidos do coração, que actuam sobre as turbas, em opposição com os dictames da razão fria e a serena apreciação dos interesses publicos, que são os que devem determinar a acção dos homens de estado. Nós, portuguezes, nada devemos aos boers em

manifestações affectuosas, em testemunhos de sympathia; sempre nos consideraram como estranhos ao desenvolvimento da sua raça, com a qual não temos affinidades, e ao desenvolvimento dos seus interesses materiaes e politicos, a que, em parte, lhe somos obstaculo. Podemos, por isso, e devemos, com inteiro desafogo, despreoccupar-nos inteiramente da sua sorte e dos seus destinos, tendo só em conta o que a nós convem, e ao nosso futuro de nação colonial e autonoma.

A politica sentimental, nas relações entre os estados, nunca foi de bom criterio, e ha muito, que está por todos abandonada. Não queiramos nós ser excepção. Os sentimentalismos ainda podem ter uma attenuante de desculpa quando representam uma correspondencia e concordancia de affectos, que é doloroso quebrar. Mas, do Transvaal para comnosco não ha, nunca houve, esses liames de ternura. E as declarações de sympathias, que alguns jornaes continuam a endereçar-lhe, bem se podem comparar aos beijinhos, que um namorado lamecha de longe envia nas pontas dos dedos á ingrata, que não faz caso d'elle ou o mira com torvos olhares. Essas coisas não são para o governo das nações. Só nos cacioneiros é que se admitem; e ahi mesmo enfadam.

Não tendo nós com o Transvaal nem affinidades de raça, nem permuta persistente de sympathias, nem communidade de interesses politicos, também não temos — como aliás teem outras nações — que se põem de largo no actual conflicto — interesses mercantis comprometidos na paz e no desenvolvimento do Transvaal. Hollandezes, americanos, belgas e francezes, além de outras ligações com o Transvaal, teem empregadas sommas enormes nas minas de oiro. Que saibamos não ha capitães portuguezes de vulto empenhados n'aquelle emprego. Bem nos bastam as coisas nossas para nos inquietarmos! Tenhamos afflicções e cuidados, mas por nós e não por estranhos, e por interesses que não são nossos. Deus nos livre de offerecermos ao nosso proprio paiz o Transvaal como modelo de nações cultas e livres, exemplar recommendavel de virtudes civitas e privadas. Nesse capitulo, a verdade dos factos é muito differente da lenda. Mas, ainda quando assim não fosse, o que devia regular-nos, e o que devia inspirar o governo, é a concepção superior dos grandes interesses nacionaes, sem quebras e desfallecimentos por irreflectidos sentimentalismos, que nada, absolutamente nada, poderia justificar perante

a nossa consciencia de portuguezes.

Se a evolução irresistivel dos acontecimentos tivesse de envolver-se no conflicto, que vae rebentar — o que aliás não cremos, nem desejamos — o nosso procedimento deveria ser pautado unicamente pela voz d'aquelles interesses. A alma portugueza tem um fundo inexgotavel de generosidade, o que é sempre um titulo de nobreza; mas a generosidade, embora platonica e esteril, que se não apoia em affinidades de raça, em communidade de interesses e destinos, e permuta de sympathias, seria menos do que ingenuidade. Seria pura infantilidade.

(Das Novidades).

## Mas o "cãesinho," não entra...

(Um traço da psychologia açoriana)

Certamente nos terá surprehendido a attitude dos açorianos na presente conjunctura sanitaria, e, plausivelmente, tel-a-hão explicado, além dos legitimos receios, como natural consequencia da sua autonomia administrativa. Ora, succede não haver motivo para surpresa nem tão pouco poder explicar o facto que a provoca por essa relativa emancipação insular.

A actual resistencia açoriana no obstinado isolamento em que se quer manter com receio de ser invadido o archipelago pela epidemia do Porto, a intrepida intransigencia a tudo quanto possa ir em favor d'esse receio, mesmo que sejam as mais cautelosas providencias aconselhadas pelas collectividades e entidades technicas, não são manifestações de momento, produzidas por apprehensões e temores que exaltam as vontades e, invensivelmente, as armem, não. São o necessario e inevitavel resultados de traços irreductiveis e fundamentaes, de character, assoalhados toda a vez que tenham que defender o seu precioso collar de ilhas de qualquer mal que as vá contaminar.

E, em apoio do nosso asserção, bastará referir um caso, mas tão decisivo e expressivo, que elle por si só, — simples traço e até no seu contorno, divertido e pittoresco, — constitue, comtudo, uma physionomia. Contemol-o, pois: Não ha memoria, tanto d'homem vivo como d'homem morto, de se haver damnado um cão em S. Miguel. Ha-os ali, por certo, (do contrario, seria para rir a constatação da ausencia da hydrophobia canina), e têm o seu cunho proprio. Dizem-nos que pertencem á raça dos cães de fila.

Com medo de verem o seu

cãesinho, como elles pronunciam, mordido, raivosamente, ou mesmo não raivosamente, por um collega em latidos do continente, cão que vá de cá e que não entra lá, seja quem for o seu dono. Cãesinho não entra — é uma prohibição enraizada, secular, tradicional; foi dos seus mais affastados descendentes.

Assim, pois: um dia, é visitada a ilha por um dos seus mais importantes proprietarios, por um dos seus mais generosos bemfeitores, que vivia (e vive ainda, e Deus lhe conserve a preciosa existencia por longos annos) no continente. Acompanhava-o um seu filho, então tenra creança, que levava um cãesinho. Pôde-se dizer que toda a população michaelense veiu saudar, com o mais alvoroçado jubilo, o seu venerado e prestigioso bemfeitor, tanto mais que, havia annos, não a visitava.

Vivas, girandolas de foguetes, musicas, todas as manifestações emfim, proprias das grandes expansões e alegrias populares, envolvem, como se fôra um principe, um rei, o illustre recém-chegado e seu filho.

São desembarcadas as bagagens e neilas esta, como dissemos, o cão com que o pequeno brincava. Transportam-se as malas e volumes com a solicitude que em si mesma levava homenagem a seu dono. Chega, porém, a vez do desembarque do cão, e logo o quasi unanime grito.

— Mas o cãesinho não entra. Nem as auctoridades de bordo nem as aduaneiras pensam, um momento, em deixar de cumprir a tradicional prohibição, e o pae foi o primeiro a reconhecer, e até com gosto que os seus michaelenses se conservam fieis aos seus usos e costumes. Teve que se conformar o pequeno, que o povo procurou conformar com vivas especiaes mas em que não pode deixar de revelar o seu character tenaz, teimoso, pyrrhónico, caturra.

— Viva o menino Antonio, viva! mas o cãesinho não entra...

(Do Jornal do Commercio)

## Secção agricola

A viticultura nacional atravez d'um negro prisma

Com aquelles arrojões que são peculiares do nosso povo aviticultura nacional já tomou as proporções que devia alcançar, por meio da reconstituição dos vinhedos pelas videiras americanas, e os terrenos foram-se cobrindo de videiras, apresentando o aspecto alegre que outrora tinham os campos. Todavia já não eram as collinas que verdejavam, mas sim as baixas, porque a videira americana é mais

exigente que a europeia; se se chegou a estas conclusões, foi porque em França se resolveu o grande problema da reconstituição dos vinhedos, e nisso andavam empenhados os interesses dos povos, pelo que os grandes sabios avassallaram o seu espirito a essa preocupação. O desenvolvimento que a viticultura tomou, na reconstituição dos vinhedos, foi de molde a que a produção vinicola não só podesse occorrer ás exigencias do consumo nacional, mas também desse para abastecer alguns mercados estrangeiros, nas suas menores exigencias. Mas o alcance que a viticultura portugueza conseguiu obter não foi o bastante para que a produção de vinho satisfizesse por completo o consumo dos mercados externos, e não desse logar á entrada de vinhos estrangeiros para cobrir o deficit que a nossa pequena exportação causava. Por isso soffremos a concorrência dos productos da viticultura estrangeira, e de tal forma que, quasi completamente nos tirou os nossos mercados de vinhos que possuíamos na Europa; sendo agora a quantidade de exportação, para esta parte do mundo, muito mesquinha, podendo, no entanto, ser a nossa venda de vinhos para a França na importancia de alguns milhares de contos.

O que nos valeu, no meio d'essa atormentadora crise, foi o largo consumo que os nossos vinhos tomaram no Brazil. Foi, então ahi que aquelles obtiveram collocação, mas ainda assim não se deixaram de sentir os efeitos da crise, pois os nossos vinhateiros chegaram a juntar, nos seus armazens, duas colheitas, lutando com bastantes difficuldades para se obter mercados para o consumo dessas duas produções que tinham ficado no paiz sem extracção. No entanto por entre aterradoras preocupações sorriu-nos a fortuna, pois se nos depararam os mercados do Brazil e Africa, onde os nossos vinhos tiveram facil collocação e abundante consumo.

Até agora teem os vinhos portuguezes tido facil collocação e grande gasto nos mercados do Brazil e Africa, mas quando aquelle paiz começar a produzir bastante vinho, a nossa exportação supportará grande diminuição; pois nos estados de S. Paulo, Pará e Minas Geraes da Republica do Brazil, a vinha vegeta magnificamente, produzindo abundantemente, tendo-se já plantado, n'aquellas regiões brazileiras, importantes intensões de vinha, o que vae sendo fito e preocupação de grande parte dos proprietarios agricultores d'aquellas paragens.

A viticultura nacional soffrerá, da mesma forma, um grande choque se não houver bastante criterio e cuidado na conservação dos nossos mercados africanos, não só das nossas colonias, como também do Transvaal, Orange, etc., para que



não tenhamos que soffrer, n'esses mercados, a concorrência dos vinhos francezes, hespanhães, etc. E se tal succeder o que será então da viticultura nacional e portanto das nossas populações rurales, pois ellas, na maior parte, vivem da cultura da vinha?

Figueirôa Rego.

## LITEERATURA

### Os doidos e os outros

(A J. T. de Sousa Martins)

I

Um dia, após uma conferencia do meu velho e leal amigo Bettencourt Rodrigues, — velho e leal amigo: tenho tido *velhos amigos* que deixam na penumbra os cães damnados, — após uma conferencia do meu velho e leal amigo Bettencourt Rodrigues, sobre *Paralysis nervosa*, pedi-lhe que me puzesse em relações com alguns casos inspiradores de suas conferencias e salientes na tenebrosa miseria da escuridão do espirito. Prestou-se o illustre alienista á satisfação da minha phantasia. Deve-lhe apresentações curiosas, fertilissimas em notas para estudos comparativos. Essas notas hão de produzir um livro.

Eu tenho para mim que o grão d'areia na loucura, existente, como é notorio, no cerebro do ser ajuizado, tem seu equivalente n'um grãosito, ou mais, de são criterio, depositado no cerebro enfermo de cada doido. Desampara-se n'esta maroma de reflexões especiaes a minha singela ignorancia de profano; recorro á minha reserva de timidez, destinada a commover os juizes, e estabeleço as bases da minha crença:

1.ª

E' raro que eu converse durante uma hora com um individuo em circumstancias normaes de juizo, sem que elle, mais ou menos, evidencie o modo de ser da sua *loucura*.

2.ª

E' raro que eu dê ouvidos a um *doido* classificado, durante cinco minutos, sem lhe ouvir a expressão, firmemente accentuada, de uma ideia sensata, ou d'um pensamento logicamente deduzido. Em um e no outro caso, *não busco* extrahir as affirmações reveladoras. Impõem-se-me fortemente, *mas principalmente a segunda*,

\*

\*

Um homem serio. E' o sur. Araujo. Negociante rico vindo da extrema pobreza. Subiu — diz elle em palestra, — veio por essa vida em fóra, pagando as suas *letras*, ganhando pouco — diz elle em annuncios — para vender muito. Tem de sua esposa, uma senhora honesta, quatro filhos, bons rapazes, sem a lesão do talento e com o amor das cifras. O snr. Araujo tem pelas letras, prosa e verso, um desprezo que é a base da sua ventura. Não quer saber de politica, nem de historias. Foi pelas conservas e pela bolacha que elle trepon: fala de bolacha e de conservas, e só d'isso. E' um homem de juizo. Ha dias, n'um carro americano, deu-me este homem sizudo a ventura das suas expressões.

Contou-me pela decima vez

a sua carreira de trabalho; eu ouvi-o, com esta doce resignação que é o fundo do meu character. Subitamente, Araujo, empinando o estylo:

—E' verdade: o senhor deve saber...

—?

—Sabe d'isto de armar?

—Alguma coisa sei; mas não percebe...

—E' que ando a aprender.

—!

—E' verdade; ando a aprender com um alto, trigozeiro, deve conhecer. Diz elle que eu tenho as molas enferrujadas, mas que hei de vir a ser homem nas molinetes...

Teria Araujo endoidecido?

Olhei-o com espanto.

—E' isto que lhe digo. Eu não sou homem para essas tolices, mas o Rebello tantas me tem armado no *corned-beef* que eu resolvi preparar-me para o que der vier. Ha de ser á *cavalheira*!

De modo que as questões armadas sobre o *corned-beef* não as resolve Araujo pela *bolacha*: prepara-se com o professor Cid, e faz molinetes, entre o goraz de conserua e os *cornichons* verdoengos. Grão de loucura cavalheirosa no refogado do senso commum.

Felix é um douto em philosophias, tem por amigos Lecke e Augusto Comte; abaixo d'estes Hume e Newton. E' um Stuart Mill. Fóra d'este convívio não se lhe conhece distrações, nem aspirações a gozos da terra. Um dia d'estes um grupo de sabios convidou Felix a reunião nocturna de eleitos. Felix accetou com jubilo. A' ultima hora recusou, mas não motivou a recusa. Tenho com ella certa familiaridade. Interroguei-o.

—E' que a Amelia, coitada! não gosta de estar sózinha...

A Amelia é a cosinheira.

E ahí temos nós as pulgas da Amelia atacando o bicho do ouvido da sabedoria!

\* \*

Penetra-se no hospicio pavoroso, por um jardimito sobrio de alegria. Nem flores, nem aves. O sol mesmo parece receioso: não doura nem aquece; evade-se mal vem chegando. A um canto do jardim, um velho *doente*, ajoelhado junto a um canteiro, examina nmas ortigas. Erguen os olhos á nossa passagem; fita-nos com irritação *continuada*, e resmunga mastigando as palavras:

—Tolos! Asnos! Tolos! Asnos!

Um artigo de fundo de opposição.

Corredores frios, alvacentos, o ar falta, e todavia ha correntes glaciaes. As enfermarias, bonitas quasi todas, sem cunho caracteristico: pelo ordinario affaveis para com os *doentes*. Os enfermeiros attenciosos, carinho relativo. Os doidos... A' entrada de uma enfermaria, um sujeito secco, alto, trigozeiro, typo de sachristão infeliz, com fundo de invejas resequidas, ergne-se de uma cadeira de braços, não em signal de respeito: para collocar-se em evidencia.

—Vocês por aqui? E' vontade! Eu então estou aborrecidissimo. Na minha posição, grão-mestre do Oriente e do Occidente e Czar de primeira classe, mettido com estes idiotas!... A gente afinal acostuma-se... Não se cheguem para esse que

tem mau cheiro. (*Reflectindo*) No fim de contas, quem é que não cheira mal? A cousa é saber cheirar!

E' um caso de *loucura circular*. Torna-se silencioso e concentrado ao fim de vinte e quatro horas de expansão. Decorridas vinte e quatro horas, reaparece o philosopho no caminho da conformidade. Vao indo. A cousa é saber cheirar!

D'um canto da enfermaria um homem folgazão aproximase de mão estendida. E' um antigo padeiro; disparou dois tiros sobre a mulher — *por coisas*. Metteram-no alli. Da mulher não sei onde se metteu.

—Deve saber do meu caso, meu rico senhor! Dois tirinhos que não fizeram mal nenhum. Os jornaes fallaram muito; deve ter lido...

—O senhor estava fóra de si? —Nada. Eu estava fóra de casa. Tinha ido á venda. N'este mundo uns andam na venda e os outros são os chefes. Quem dispoz tudo isto lá sabe. Mas no fim de todas estas cousas a Sciencia é que ha de dispôr, é que ha de arrumar. Passe vossa senhoria muito bem!

A Sciencia, no fim de tudo, é que ha de arrumar e dispôr. (Continua).

Silva Pinto.

## Noticiario

### Arrombamento e roubo

Continuúa desenfreada a ladrocia e da parte da *illustrada* auctoridade, sem exame de instrucção primaria, nenhuma medida vemos adoptada, para reprimir tão vergonhosas scenas, que já agora se tornaram endemias n'esta formosissima villa, bem digna de melhor sorte.

O *illustrado*, tirante o seu pertinaz empenho de receber, pontualmente, o rico ordenado e torçar todas as juntas de parochia, embora sem receita propria, a organisarem orçamentos, para que os anciaes emolumentos augmentem, nada mais tem feito, senão *impor-se* a admiração do rapazio, que projecta, no proximo carnaval, glorificar o filho de Goios, ofertando-lhe um cabo de vassoura, velho, symbolo da justiça administrada pelo heroe despellido. Não ha pouca vergonha, que se não dê na administração d'este incompetente.

Na noite de terça-feira foram, de novo, arrombados os talhos da Praça Municipal e d'um levou o larapio duas arrobas de carne de porco, approximadamente.

Quando o larapio passava em Barcelinhos, muito tranquillamente, carregando com a carne ás costas, occulta n'um sacco, teve a má estrella de encontrar um rapaz que, sem mais, nem menos, lhe perguntou o que levava e ao mesmo tempo foi-lhe deitando a mão. O larapio deixou o sacco da carne, mas evadiu-se e pena foi.

Que terá feito o *illustrado*, para descobrir o paradeiro do larapio? Apostamos em como procura descobrir o meio de obrigar a junta de parochia de Pereira, sem receita a fazer orçamento? Simplesmente vergonhoso. reito.

### Casamento

Na tarde de segunda-feira, consorciaram-se, na parochial egreja de Abbade do Neiva, o ex.<sup>mo</sup> snr. José Saldanha, capitalista, do Porto, com a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria de Carvalho, gentil menina d'esta villa.

A' cerimonia religiosa assistiram, alem dos padrinhos, numerosos convidados, aos quaes, no final, foi servido um primoroso jantar no Hotel Cardoso. Os noivos partiram em seguida para Ancora, onde passam a lua de mel. Mil venturas ao sympathico casal.

### Dr. Lulz Novaes

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia, regressou, hontem, a Barcellos este nosso respeitabilissimo amigo e distincto advogado e notario n'esta comarca.

### Enfermos

Tem passado encommodados os filhinhos do nosso amigo e honrado negociante, sr. José Luiz Pinto. Desejamos o completo restabelecimento das gentis creanças.

### Aos contribuintes

Está em reclamação na repartição de fazenda d'este concelho, até ao dia 10 d'este mez, o lançamento das contribuições geraes do corrente anno.

E' a occasião oportuna para os contribuintes requererem titulos de annulação, tanto da contribuição industrial como das de renda de casas e sumptuaria, por não estarem sujeitos a essas contribuições por todo o anno.

### Anselmo Vieira

Está entre nós, com pouca demora, este nosso sympathico amigo e patricio, empregado viajante d'uma importante casa commercial da capital.

Bem vindo.

### Fallecimento

Victimado por uma tuberculose, finou-se n'esta villa, muito novo ainda, o artista caizador, Manoel Pereira, mais conhecido pelo Manoel da Preza. Era um bello moço. No prestito funebre incorprou-se a banda dos Voluntarios. Paz á sua alma.

### Missa

O nosso amigo e laborioso industrial, sr. José Antonio d'Oliveira Mattos, proprietario do Café Central, manda em breve rezar, no templo do Bom Jesus da Cruz, uma missa em acção de graças pelas melhoras experimentadas por sua estremosa esposa, que esteve em perigo de vida.

### Regresso

Regressa amanhã da Apulia a familia do conceituado ourives, sr. Manoel Augusto de Passos, vereador da camara.

### Para Coimbra

O nosso excellente amigo e valioso correligionario, sr. Theotónio José da Fonseca, da casa de Passos, partiu para Coimbra, onde vae matricular-se no 5.º anno de dicitante portuense.

### Aniversario matrimonial

No proximo domingo festejamos o nosso sympathico amigo e leal correligionario, sr. João Carlos Coelho da Cruz, o seu primeiro anniversario matrimonial com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Esthephania Leão, senhora de aprimoradas qualidades. Confiamos em que no futuro lhes correá sempre risonha e bonançosa a existencia, dada a harmonia de sentimentos, que exornam os corações de tão feliz e venturoso casal. Felicitemos ardentemente suas ex.<sup>as</sup>.

### Balthazar Ferraz

Este brioso militar, nosso estimado amigo e subscriptor, que por bastante tempo serviu como alferes no 2.º batalhão d'infanteria 20, estacionado aqui, foi ultimamente promovido a tenente para caçadores 3. Folgando com a promoção do distincto official, completar-se-hia o nosso contentamento, vendendo-o, em breve, transferido para aqui.

### Enfermos

Passa encommodada a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Chrysostoma Rita d'Andrade, tia da esposa do nosso amigo e digno escrivão de fazenda, sr. João Rodrigues de Faria. Desejamos á sympathica velhinha, que conta mais de 100 annos, o seu prompto restabelecimento.

—Tem guardado tambem o leito o rev. padre Manoel José Lopes d'Azevedo. Desejamos as suas melhoras.

### Dr. Arthur Maciel

Com grande satisfação nossa e de todos que o conhecem, vemos que este nosso sympathico amigo e digno delegado do procurador regio na Ilha do Piso foi transferido para Paredes de Coura. Damos a s. ex.<sup>a</sup> os nossos sinceros parabens.

### Dotes

A meza da Santa Casa da Misericordia, segundo as obrigações que acompanham varios legados, abriu concurso até ao dia 30 do corrente mez, para 4 dotes a outras tantas raparigas solteiras, pobres e bem comportadas, que pretendam casar-se. Os respectivos dotes são: dois de 30000 réis cada um e dois de 20000 réis cada um.

### Povoa de Varzim

Partiu para esta praia, acompanhada de seus filhos, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Thereza Maia d'Oliveira Benevides.

### Gomes de Sá

Na segunda-feira tivemos o prazer de cumprimentar n'esta villa o nosso patricio e amigo sr. Manoel Gomes de Sá, conceituado commerciante portuense.



## Fallecimento

Na freguezia d'Encourados finou-se o honrado e respeitavel velhinho, sr. Antonio Simões, extremoso pae do nosso excellentissimo amigo e valioso correligionario sr. Manoel Luiz Simões e avô dos nossos queridos amigos srs. drs. Antonio da Silva Correia Simões, dignissimo conego da Sé de Braga e illustrado professor do seminario e João Ignacio da Silva Correia Simões, distincto delegado do procurador regio na Ilha de S. Jorge.

Os funeraes do honrado extincto tiveram logar hontem e revestiram toda a pompa, não só em consequencia do grande numero de sacerdotes, alguns altamente graduados, que assistiram ás honras funebres, mas tambem pela enorme concorrencia de seculares, onde avultavam cavalheiros de toda a distincção.

Não é para extranhar tão significativa manifestação á illustre familia enlutada, pois é proverbial a sua bondade e nunca nenhum dos seus membros deixou de prestar o seu valimento, que é grande, a quem lh'o solicite. Nós cumprimentamos respeitosa-mente a familia enlutada e confiamos em Deus terá á sua vista o bondoso extincto.

Entre a numerosa concorrencia dos assistentes pudémos notar os seguintes cavalheiros:

Visconde de Fraião, visconde do Castello, conego Nunes da Costa, monsenhor Mariz, dr. João Nepomuceno Pimenta, Manoel da Cunha Pimentel, dr. Nicolau Barata, Augusto Moreira, rev. abbade José do Egypto, Julio Cardoso, dr. Eduardo da Silva Salazar, dr. José de Castro Figueiredo de Faria, dr. Augusto Monteiro, dr. Augusto Mattos, Francisco Antonio de Faria, Thomaz José d'Araujo, João Baptista Maciel, João Joaquim Fernandes, José Antonio Torres, etc., etc.

### Dr. Tobin Braga

Encontra-se, de novo, entre nós este sympathico cavalheiro, muito digno subdelegado do procurador regio n'esta comarca. Cumprimentamos muito gostosamente s. ex.<sup>a</sup>.

### Melhoras

Tem-n'as experimentado a ex.<sup>ma</sup> esposa do sr. José Alves de Faria, habil pharmaceutico e vereador da camara. Folgamos muito em dar tão boa nova.

### Dr. João Novaes

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia, acha-se na praia de S. Bartholomeu, em uso de banhos, aquelle nosso dilecto amigo e digno secretario da camara municipal.

## Pela Apulia

Regressaram d'esta praia os srs. José Francisco da Silva Esteves e esposa, Manoel Miranda, Luiz Monteiro Pinto Basto e familia, José Baptista e esposa, Carlos Machado Paes, Joaquim Cayres Pinto de Madureira, Francisco Vieira Viloso e familia, Secundino Pereira Esteves e familia, D. Maria Faria, Domingos José de Miranda e familia, Adolino de Barros e familia, dr. Sá Carneiro e familia, Theotónio Lopes Monteiro e familia.

Tambem se retiraram as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Amelia Gavinho e irmã, D. Virginia e Amelia Esteves.

Partiram para esta praia os srs. Francisco de Sousa Caravana e familia, Antonio Gomes da Cunha Guimarães e familia, Domingos Vinagre e familia, as sympathicas meninas Ermelinda Martins e Gloria Alves Machado.

Tambem alli chegou o rev. abbade da freguezia de S. Lazaro, de Braga.

Já fechou o café n'esta praia. No proximo sabbado regressa d'esta praia a familia do sr. Manoel Augusto de Passos, conceituado ourives e vereador municipal.

Partiu d'esta praia para Braga a distincta professora D. Carmo Marques.

### Dr. David Alves

Este nosso bom amigo e valioso chefe do partido regenerador na Povoia de Varzim, encontra-se com sua ex.<sup>ma</sup> esposa na sua quinta da Calçadas. Cumprimentamos suas ex.<sup>as</sup>.

## Festividades

No domingo festejou-se solemnemente, na igreja da Collegiada, a Senhora do Rosario.

Tambem foi festejado hontem no templo da Ordem Terceira, S. Francisco d'Assis.

## Musica no jardim

Consta-nos que ha decida- da boa vontade em fazer tocar a banda dos Bombeiros no proximo domingo, desde as 4 horas da tarde em diante. A realizar-se tão aprazivel diversão, só teriamos de nos felicitar e bemdizer os promotores de tão bello passatempo.

### José Mathias

Regressou da Apulia este nosso bom amigo e valioso cooperador de redacção e com isso folgamos deveras, porque apreciamos muito a boa companhia d'este excellentissimo cavalheiro.

## Movimento da população em agosto de 1899

Nascimentos:		
Varões legitimos...	45	89
Fêmeas legit....	44	
Varões illegit....	7	14
Fêmeas illegt....	7	
Total...		103
Casamentos:		
Solt. <sup>os</sup> com solt. <sup>as</sup> ...	16	18
Viuvos com solt. <sup>as</sup> ...	2	
Obitos:		
Varões.....	27	58
Fêmeas.....	31	

## Arrematação de fóros

E' no dia 7 do corrente que tem logar na Santa Casa da Misericordia e perante a respectiva meza, a arrematação da cobrança dos fóros, vencidos no passado S. Miguel.

### O medo da epidemia

Não ha nada peor nem mais nocivo do que o medo das epidemias quando ellas reinam.

Esta theoria não é privativa da Europa, pois tem a sancção de todos os tempos e de todos os paizes.

Para prova d'isso leiam os medrosos o seguinte conto oriental, onde se lhes quiz dar uma lição:

"A" hora do nascer do sol achava-se em oração um sacerdote turco, nos arredores do Cairo, e como visse um phantasma que se dirigia á cidade, aproximou-se d'elle e travou o seguinte dialogo:

—Quem és?  
—Sou a peste.  
—Para onde vaes?  
—Para o Cairo.  
—Que vaes ali fazer?  
—Matar 15:000 pessoas.  
—Não ha meio de impedir-te?  
—Nenhum, essim está escripto.

—Marcha pois, porem toma cuidado não mates mais do que as 15:000 pessoas que disseste.

Quando o contagio desapareceu do Cairo, no mesmo sitio e ás mesmas horas, real- lisou-se o encontro do sacerdote e do phantasma, e de novo começou o dialogo:

—Voltas do Cairo?  
—Volto.  
—Que fizestes ali?  
—Matei 15:000 pessoas.  
—Mentes embusteiro, porque matastes 30:000.  
—E' verdade, morreram 30:000 pessoas, porem eu não matei mais do que 15:000, ás outras matou-as o medo.

## Publicações recebidas

### A Peste

Está publicado o primeiro numero d'esta revista de critica social, escripta pelo distincto escriptor Joaquim Leitão, novo para nós, mas muito conhecido no Brazil, depois de publicado o seu "Almirante dos Mares Orientaes", que lhe valeu gradde nomeada na litteratura d'aquelle paiz. O presente numero é um trabalho primoroso e deve agradar aos mais exigentes.

E' editado na Agencia Universal de Publicações, rua da Victoria, 38—Lisboa.

Agradecemos a offerta do 1.<sup>o</sup> numero.

### Tribuna

Recebemos o n.º 38 d'este magnifico semanario lisbonense, distinctamente escripto.

### A Agricultura Contemporanea

O n.º 6, relativo a setembro, apresenta-se interessante e para desejar seria que tal publicação andasse nas mãos de todos os que se interessam pela agricultura do nosso paiz.

### Mundo Catholico

Esta magnifica revista litteraria, biographica e illustrada, de que temos presente o n.º relativo a agosto, continua interessante sob todos os pontos de vista.

Tem a sua redacção e administração na rua Ferreira Borges, 201, 2.º—Lisboa.

## A peste bubonica

A peste bubonica, que já foi chamada *peste de Marselha*, não é nova; tem pelo contrario, um cadastro terrível que Haesser resume desta fórma:

"Em 1346 fez um grande numero de victimas na Sicilia, e em 1347 operou identicos estragos em Constantinopla, na Grecia, Chypre e Malta. Em novembro d'este mesmo anno assolou Marselha, e na primeira metade de 1348 devastou a Hespanha, Avignon, Narvonne e Modena. Nos fins de 1349 despovoou Paris, Roma, Londres, a Noruega, o Jutland, a Polonia, a Austria, Vienna, Francfort e o litoral da Belgica, e em 1350 invadiu a Russia. Vejamos os estragos que ella produziu. Em Smolensk escaparam sómente 15 habitantes, a Russia ficou despovoada, Florença perdeu 60 mil habitantes, Veneza 100 mil, Marselha n'um mez 16 mil, Vienna 70 mil, Paris 50 mil, Saint-Denis 14 mil, Avignon 60 mil e Londres 100 mil!!!

Durante estes tres annos e peste bubonica roubou á Europa vinte e cinco milhões de habitantes, isto é, a quarta parte da sua população!!!

## ANNUNCIOS

### ARREMATACÃO

(2.<sup>a</sup> publicação)  
(1.<sup>a</sup> praça)

No dia oito do proximo mez de outubro pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal Judicial desta Comarca, tem de entrar em praça, pela segunda vez, por metade do seu valor os seguintes bens de raiz pertencentes aos executados João Gomes d'Araujo e mulher Crescencia Roza do Valle, da freguezia de Gilmon-

de, por virtude da execução que lhe promoveu o Ministerio Publico nesta comarca, a saber: Uma caza terrea e eirado lavradio com arvores de vinho e ramada, no logar da Motta, freguezia de Gilmonde, avaliada com o abatimento do respectivo fóro, em 430:000 reis.

Entra em praça por metade do seu valor, em 215:000 reis.

Uma bouça de matto e pinheiros, no logar da Gandra, da mesma freguezia, allodial e avaliada em a quantia de reis 120:000.

Entra em praça por metade do seu valor em 60:000 rs.

E por esta forma ficam citados todos e quaesquer crédores dos ditos executados para assistirem á praça, querendo, e deduzirem os seus direitos.

Barcellos, 25 de Setembro de 1899.

Verifiquei.

Barroso de Mattos.

O escrivão interino do 3.<sup>o</sup> officio  
João Vieira de Souza Coutinho

## CASA

Aluga-se, ou vende-se a que tem os n.º 42, 44 e 46, sita na rua Direita.

Tratar com o seu dono, ou com Manoel de Faria, d'esta villa.

Um binoculo de graça! — Um relógio de graça!

**Collecção Paulo de Koch**  
ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

100 réis o fasciculo semanal de 80 paginas, ou 72 paginas com uma gravura

Aos novos assignantes da **Collecção Paulo de Koch**, offerece a Livraria Editora Guimarães & C.<sup>a</sup>

Um brinde no valor de 4000 réis

à escolha do assignante, entre os seguintes objectos:

Um relógio d'ago.  
Um magnifico binoculo.  
Um crime da sociedade, sensacional romance de João Chagas.

Lisboa: Livraria Editora Guimarães, Libano & C.<sup>a</sup>—R. de S. Roque, 110. Porto: Livraria E. Tavares Martins—8, Clerigos, 10

**Brindes sem precedentes**



PASTELARIA E CONFEITARIA CONFIANCA

DE  
Manoel Joaquim Duarte Salvação

Rua direita, 5 a 7—BARCELLOS

Sendo uma das primeiras confeitarias n'esta villa, com numerosa freguezia não só n'esta localidade como tambem em Lisboa, Porto, Braga, Vianna, etc., etc., para onde exporta a miudo a **Especial Laranja de Doce de Barcellos**, magnifico pão de ló, pasteis de massa e carne, queijadinhos e outras especiaes variedades.

A confecção do doce é esmeradissima, observando-se rigorosamente a limpeza e sendo o seu fabrico de 1.ª qualidade.

Deposito de vinhos finos e do Douro qualidades e especiaes.—Conservas, Azeitonas em latas, Alvas em frascos e latas, Mostarda franceza, Doce de calda, Bolachas finas de Lisboa e Porto, e mais artigos que é difficil enumerar.

Especial café do Rio e Ilhas, em pacotes e avulso.

N. B.—Esta casa não faz doce para vender nas romarias, por ser o seu fabrico especial.

Continua a comprar e a vender sellos do correlo servidos, antigos e modernos.

FABRICA

DE

Fogos de artificio

J. B. FERNANDES

“Pindalho,, da freguezia de Rori



Preços pechinchas, recommendaveis aos homens de festas. E' ver.

Ninguem ahi fabrica melhor fogo, no concelho, e tão convidativamente para os snrs. consumidores.

Experimentem porque não se arrapenderão d'isso. Ahi vae uma tabella reguladora do

preços:

(POR DUZIA)

3 estalos . . . . .	200	9 estalos e 3 tiros . . . . .	1000
3 " e 1 tiro . . . . .	330	0 " e 3 " . . . . .	650
3 " e 3 " . . . . .	700	0 " e 4 " . . . . .	80
6 " e 1 " . . . . .	600	0 " e 6 " . . . . .	10100
" e 2 " . . . . .	700	Salva real . . . . .	10100

Fogos presos tanto de vistas como macacos, a peça, 600 rs.

Recebem-se encomendas pello correio e ás quintas feiras pessoalmente em Barcellos, em frente da pharmacia Valle

PHARMACIA MODERNA

DE

Delfino Pereira Esteves

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

Nella se encontram á venda especialidades pharmaceuticas, productos chimicos, mamadeiras, fundas, algalias, aguas minero-medicinaes nacionaes e estrangeiras, etc.

A preparação dos medicamentos, é a mais escrupulosa, pois é feita pelo proprio proprietario.

33 a 35—Rua Direita—BARCELLOS

TYPOGRAPHIA BARCELLENSE

DE

AUGUSTO SOUCASAUX

Rua Barjona de Freitas, junto ao Café Mattos

FORNECEDORA das principaes repartições publicas d'esta villa e de quasi todas as suas casas commerciaes.

Montada nas condições de satisfazer promptamente todos os trabalhos inherentes á arte, tendo para isso muito material das mais perfeitas fundições da Allemanha e da Hespanha e um pessoal habilitado para tirar d'elle bellos efeitos quer quanto á a fórma, quer quanto á cor.

Grande Estabelecimento

DE

GASPAR PINTO DE SOUZA & IRMÃO

Rua de Santo Antonio n.º 6

VILLA NOVA DE FAMALICAO

VARIADO sortimento de conservas, massas, ameixas e peras seccas. Queijo flamengo, rebuçados, cognacs, legitima canna Paraty recebida directamente, arroz, assucar, café, chocolate, vassouras, canella, pimenta, cominhos, pimentão, etc. etc.

Deposito de vinhos da REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL, no qual vende todas as marcas de vinhos de meza, finos, champagne, etc.

Grande sortimento de louças finas, havendo serviços para aimoço, jantar, para laboratorios e um bonito sortido de chavenas de porcellana, cinzeiros, etc.

Variado sortido de jarras, em bonitos gostos, castiçaes, garrafas de chrystal e vidro, copos, calixes, abat-jours e torcidas para candieiros, moringas vermelhas, centros para mezas, pratos de vidro, paliteiros, tinteiros, galheteiros, etc.

Deposito de manteiga da fabrica CANNAS AFFONSO & C.ª, da Praia l'Arcora, uma das melhores do paiz.

Esplendida variedade de papeis para forrar salas, pelos preços da fabrica.

Ferragens para obras: pregos de ferro e arame, fechaduras, dobradiças, chumbo em barra, chumbadouros, etc., etc. Ferros de engomar, ferros de limpar animaes, panellas estanhadas, pás d'aço, tachas e tacholas. Rede de arame zincado, zinco em folha, arame e ferro para latadas, arame de picos para vedações, arcos de ferro para vasilhas, cravos, etc.

Completo sortimento de tintas para pintar obras, vernizes, brochas, vidros para vidraças, cimento, etc., etc.

Sortimento de botões de punhos, carteiras, sabonetes, pós para dentes, espelhos navalhas teouras, cordas para violas, rebecas, cavaquinho, guitarra, etc.

Aprestes para escriptorio: livros em branco para commercio e particulares, cartei-raspara bolso, papel para cartas, optima tinta para escrever, em frascos e a retalho, corda dores, livros para escolas, cadernos calligraphicos, livros e estojos para desenho, canetas, lapis, aparos, borrachas e pastas.

Vendem-se tambem livros scientificos e romances.

Estádo em correspondencia com as principaes livrarias do paiz, encarrega-se de mandar vir de prompto quaesquer livros portuguezes ou estrangeiros, sem augmento de preço.

Têm tambem em deposito uma soberba collecção de livros de missa, modestos e de preços elevados.

Cartões de phantasia, perfumarias, etc.

Impressos para professores e confrarias.

Vendem-se estampas de santos, encaixilham-se retratos, espelhos, mappas, etc.

Companhia de seguros—FRATERNIDADE

Como agentes d'esta Companhia, uma das mais garantidas do paiz tomam seguros contra o risco de fogo em predios, moveis, negocios, joias Sendo os premios modicos.

No mesmo estabelecimento acha-se montada uma

TYPOGRAPHIA

que rivalisa com as melhores do paiz, para o que possui uma esplendida machina **Marinoni**, minervas, guilhotina, machina de picar talões, uma collecção de typos allemães dos mais modernos e grande quantidade de cursivos, phantasias, etc., etc., encarregando-se de impressões de livros de luxo, relatorios, programmas, jornaes e toda a qualidade de impressos para confrarias, repartições publicas, facturas para commercio, réclames, cartões de visita, memoranduns, etc.

Para a execução de todos estes trabalhos, tem pessoal competentemente habilitado.

Officina de encadernação

montada com os mais modernos aprestes, tomando-se conta de livros para escolas, commercio, de jurisprudencia, missa, pastas para escrever, concertos, etc. Envernizam-se mappas e encadernam-se missaes, com toda a perfeição e solidez.

Foi esta officina a preferida para a impressão da grande edição popular da CARTILHA DO POVO, do saudoso José Falcão, de CEM MIL EXEMPLARES, a maior que se tem feito no nosso paiz.

Sendo a divisa d'esta casa

Seriedade e barateza

procuram os seus proprietarios continuar a merecer a distincção do illustrado publico d'esta terreprocurando envidar todos os esforços para bem servir a sua numerosa clientella.